

«O que é, bebé?», ou o que a Mãe diz ao Recém-nascido no Contacto Precoce

MARIA ANTÓNIA CARREIRAS (*)

M. BENEDICTA MONTEIRO (**)

ARNALDO CARVALHO (***)

INÁCIO FIADEIRO (****)

MADALENA PATRÍCIO (*****)

FERNANDA TORGAL GARCIA (*****)

JOÃO C. GOMES PEDRO (*****)

Dentro do contexto geral da investigação sobre padrões de comunicação precoce mãe-criança, promovida pela Equipa da Unidade de Desenvolvimento da Clínica Pediátrica Universitária do Hospital de Santa Maria (UDICPU), propusémo-nos recolher e investigar o comportamento verbal das mães, dirigido aos seus filhos recém-nascidos, durante o contacto precoce.

A partir dos anos 60 surgiram numerosos estudos sobre a linguagem verbal dirigida pelos pais aos seus bebés. Considera-se, em geral, que essa linguagem é diferente daquela que os adultos utilizam normalmente entre eles.

Vários autores – entre outros, Farwell (1975), Bellinger (1980), Ferguson (1964), Soler (1975) – referem como características específicas dessa linguagem – a que chamam «baby talk» e que poderemos traduzir por «fala de bebé» – ritmo de discurso mais lento, entoação exagerada, repetições frequentes, simplicidade sintáctica e conteúdo restrito, ligado à realidade concreta e imediata.

Kaye (1980) sintetiza essas características, aparentemente universais, em cinco categorias:

- *prosódicas*, relacionadas com a entoação mais variada e a maior amplitude de frequência e altura de som;

- *lexicais*: recurso a palavras particulares (diminutivos, qualificativos, etc.);

- de *complexidade*: proposições curtas, poucos verbos auxiliares;

- de *redundância*: repetições frequentes (quer de certas palavras, quer de frases) durante um certo período de tempo;

- de *conteúdo*, que se manifesta restrito.

Segundo Papoušek, Papoušek e Haekel (1987)

(*) Assistente, ISPA.

(**) Professora Associada, ISCTE.

(***) Psicólogo, SCML.

(****) Psicólogo.

(*****) Pedagoga. Membro do D.E.M. da Faculdade de Medicina de Lisboa.

(*****) Assistente de Pediatria, Faculdade de Medicina de Lisboa.

(******) Professor de Pediatria, Faculdade de Medicina de Lisboa.

essas características da «fala de bebé» constituem um suporte didáctico óptimo para o desenvolvimento das capacidades perceptivas, integrativas e comunicativas do bebé. Ainda segundo esses autores, o facto dos pais, ao falarem com os bebés, alterarem intuitivamente o seu discurso, recorrendo a estruturas básicas, não verbais, de comunicação oral, aparentemente universais, sugere que a «fala de bebé» constitui uma característica específica do comportamento parental didáctico da espécie humana, forjada ao longo da evolução.

Nesta fase do nosso estudo não nos propomos ainda individualizar todos os constituintes fundamentais do discurso materno dirigido ao recém-nascido, durante o contacto precoce, mas tão só descrever algumas das características da estrutura sintáctica desse discurso e analisar o seu conteúdo. Esperamos, também, conseguir apreender a forma como o bebé real é, nesse momento, percebido e investido pela mãe.

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

1.1. População

O trabalho desenvolvido até aqui incidiu sobre parte da amostra da Investigação realizada pela UDICPU, nomeadamente sobre as primeiras 30 mães da amostra total, constituída por 63 primíparas assistidas na maternidade do Hospital Escolar de Santa Maria e cuja selecção obedeceu aos seguintes critérios:

- grávidas de raça branca e nacionalidade portuguesa;
- idade das mães entre os 18 e os 35 anos;
- co-habitação com o pai da criança há pelo menos um ano;
- classe social média-baixa;
- ausência de perturbações, do foro psiquiátrico, nas mães;
- intenção de amamentar;
- mães sem preparação profiláctica para o parto;
- gestação sem complicações, com duração entre as 37 e as 42 semanas;

- duração do trabalho de parto não superior a 24 horas;
- partos cefálicos, por via vaginal;
- recém-nascidos saudáveis, com Apgar mínimo de 6 ao primeiro minuto e obrigatoriamente 10 ao quinto minuto;
- percentil de peso dos recém-nascidos entre 10 e 90.

1.2. Modo de proceder

Após o parto todas as mães permaneciam sozinhas com os seus filhos, durante cerca de 20 minutos, na sala de partos.

Os recém-nascidos repousavam sobre o peito e o ventre maternos, embrulhados numa manta.

Nestas condições foi realizado o registo auditivo do contacto precoce mãe-bebé.

Numa fase posterior esses registos auditivos foram transcritos, na sua totalidade, para a linguagem verbal escrita.

1.3. Classificação dos dados

Para a classificação dos dados apoiámo-nos, sobretudo, nos trabalhos desenvolvidos por Josse e Robin (1981, 1983).

Todo o discurso materno foi fraccionado em *enunciados*. Cada enunciado é constituído por uma unidade linguística, cujo fim é determinado por uma pausa ou uma entoação de voz, ascendente ou descendente.

Foi sobre cada uma destas unidades que recaiu a análise dos aspectos sintácticos bem como a análise de conteúdo.

Para abordar alguns dos aspectos da *estrutura sintáctica* da linguagem materna, dirigida ao recém-nascido, estabelecemos as seguintes categorias:

- *Produções vocais não significativas*: qualquer som ou repetição de som, não significativo, emitido pela mãe como, por exemplo: onomatopéias, interjeições, jogos vocais, etc..
- *Palavras sóas*: trata-se, frequentemente, dum atributo («Lindo!»), dum apelo («Filho!») ou de uma questão («Então?»).
- *Associação de duas ou três palavras*: engloba, por exemplo, os enunciados cuja estrutura sintáctica já inclui um verbo («Estás com fo-

minha!)), apelos do tipo «Ó meu querido!», etc..

- *Frases curtas*: refere-se aos enunciados com quatro a oito palavras e cuja estrutura gramatical é mais complexa.

- *Frases longas*: corresponde aos enunciados com mais de oito palavras.

- *Diversos*: assobiar, cantar, etc.

Para se proceder à *análise de conteúdo* da linguagem materna, dirigida ao bebé, definimos os seguintes campos semânticos:

- *Estado global do bebé*: agrupa os enunciados que se referem ao estado de vigília, estado térmico, fome, manifestações digestivas, estado de saúde (constipação, tosse) e cansaço do bebé. Exemplo: «Estás com fominha!»

- *Aspecto do bebé*: inclui os comentários que a mãe emite sobre o tamanho, peso, beleza, fealdade, parecenças, etc., do seu filho e que correspondem a uma observação-descoberta, quer global, quer parcial, do corpo do bebé: Exemplo: «Tem o olho azulão!»

- *Comportamento verbal e auditivo*: trata-se de todas as observações que a mãe tece sobre a emissão/escuta de sons, pelo bebé, ou dum pedido seu. Exemplos: «Sabes falar!»; «Conta coisas à mamã!»

- *Comportamento visual*: refere-se a todos os comentários, ou pedidos, relacionados com a actividade visual do bebé. Exemplos: «Estás a ver a tua mãe?»; «Vê a mamã!»

- *Choro ou mímicas negativas*: categoria que agrupa os enunciados relativos ao choro, aos gemidos ou às expressões de descontentamento do bebé. Exemplos: «Já não te está a agradar a conversa!»; «Estás a chorar?»

- *Actividade motora ou manipulatória*: agrupa os enunciados que se referem à mobilidade da criança ou à sua actividade motora. Exemplos: «A levantar a cabecinha!»; «Já quer mexer na maminha da mãe?»

- *Comportamento oral do bebé*: observações que a mãe tece sobre os movimentos relacionados com a oralidade. Exemplo: «Já estás a meter os dedos na boca e tudo...»

- *Saudações ou apelos*: enunciados exprimindo uma saudação ou chamamento. Exemplos: «Meu bebezinho!»; «Olá!»

- *Referências interactivas*: engloba um vasto leque de enunciados, tais como: comentários

que a mãe emite sobre o que faz ou vai fazer («Deixa que a mamã aquece!»), questões dirigidas ao bebé sem quaisquer esforços de interpretação («O que é que foi?»), expressões simples de apaziguamento, de manutenção da interacção ou, até, da sua aliciação («Pronto!», «Já passou!», «Pois é!»).

- *Referências da mãe ao próprio estado*: abarca os comentários da mãe sobre o seu próprio estado (fome, cansaço, mau-estar, dor, satisfação). Exemplos: «Também gosto de estar contigo!»; «A mãe ainda tem tanta dor!»

- *Referências ao passado anterior*: agrupa os enunciados emitidos pela mãe sobre situações anteriores. Exemplos: «Deste tanto trabalhinho à mãe!»; «Dava muitos pontapés!»

- *Referências ao futuro*: inclui os comentários que a mãe tece sobre o futuro. Exemplo: «O pai amanhã vem ver o bebé!»

- *Competência materna*: reúne as questões que a mãe levanta sobre a sua competência para desempenhar a função materna. Exemplo: «O que é que te fez a tua mãe para tu não gostares dela?»

- *Desconhecido/diversos*: enunciados que não podem ser agrupados nas categorias precedentes quer por falta de outros registos complementares (vídeo, por exemplo), quer devido ao seu conteúdo.

Para a inclusão dos diversos enunciados em cada uma destas categorias utilizámos dois critérios:

- um, lexical, quando o vocabulário utilizado pela mãe se relacionava directamente com o campo conceptual considerado; por exemplo «Vê a mamã!» insere-se na categoria «comportamento visual»;

- um outro, contextual, quando para se estabelecer a categoria de pertença era necessário fazer uma leitura dos enunciados, anteriores e posteriores, a fim de se poder apreender o contexto global.

No entanto, dado que não dispunhamos de registo em vídeo, algumas dúvidas persistiram. Neste caso os enunciados foram englobados na categoria «desconhecido».

Paralelamente realizámos o levantamento exaustivo das formas de chamamento utilizadas pelas mães, face aos seus bebés, bem como dos atributos que lhes dirigiram, uma vez que o modo

como a mãe nomeia o seu filho reveste-se de grande importância para a compreensão da emergência do bebé como ser sexuado, individual e único.

Comparámos ainda a linguagem materna dirigida aos recém-nascidos do sexo masculino com a dirigida aos do sexo feminino, em todas as categorias referidas, uma vez que numerosos estudos (Thoman & Leiderman, 1971; Rubin, Provenzano, & Luria, 1974; Hwang, 1978; Parke & Sawin, 1980, entre outros) salientam que as atitudes e comportamentos parentais variam em função do sexo do bebé. Este fenómeno parece ocorrer muito precocemente, desde o nascimento e não é indissociável do papel da estrutura da organização social, com a tendência para a diferenciação dos papéis de cada sexo.

2. RESULTADOS

2.1. *Sexo dos recém-nascidos*

O nosso estudo incidiu sobre 30 pares mães/recém-nascidos, cujo sexo se distribuía da seguinte maneira (Quadro 1):

QUADRO 1
Sexo dos recém-nascidos

SEXO	NÚMERO DE R. N.
Masculino	19
Feminino	11

2.2. *Análise de certas características da estrutura sintáctica*

As *produções vocais não significativas* constituem a forma preponderante do discurso materno durante o contacto precoce.

Nos registos surgem essencialmente interjeições e exclamações, tais como: «Oi!», «Ã?», «Um?». Traduzem breves comentários sobre a situação vivida ou constituem um reforço a questões formuladas anteriormente.

A categoria *associação de 2 a 3 palavras* apresenta uma frequência bastante elevada.

Corresponde fundamentalmente a questões formuladas pela mãe («O que é?», «Que foi?», «Tem fominha?»), a apelos («Meu filhinho!») e até a pedidos («Não chora, não?»).

QUADRO 2
Aspectos sintácticos

CATEGORIAS	FREQUÊNCIAS MÉDIAS EM PERCENTAGEM
Produções vocais não significativas	27.6
Palavras sós	20.6
Associação de 2 a 3 palavras	26.4
Frases curtas	19.2
Frases longas	1.1
Diversos	5.1

As *palavras sós* constituem uma das categorias mais representadas. Assinalam tentativas, por parte da mãe, para apaziguar o bebé («Pronto!») ou partículas de reforço («Então?», «Tem?», «Pois!»).

As *frases curtas* são também utilizadas no discurso materno durante o contacto precoce. Se examinarmos o seu conteúdo ele é muito variável.

2.3. *Análise do conteúdo do discurso materno*

Referências interactivas, que engloba questões dirigidas ao bebé sem quaisquer esforços de interpretação («O que é que foi?»), expressões simples de apaziguamento, de manutenção da interacção ou, até, da sua aliciação («Pronto!», «Já passou!», «Pois é!»), constitui a categoria mais representada.

Com bastante frequência a mãe dirige *apelos* ao seu bebé, chamando-o e referenciando-o a si própria («Meu bebezinho!», «Olá!»).

O bebé que a mãe descreve é um ser com determinadas manifestações globais (10,2%),

QUADRO 3
Análise de Conteúdo

	PERCENTAGEM DE FREQUÊNCIA MÉDIA
Estado global do bebé	10.2
Aspecto do bebé	6.4
Comportam. verbal e audivo	1.0
Comportamento visual	0.3
Choro/Mímicas negativas	7.7
Actividade motora	0.8
Comportamento oral	2.7
Saudações / Apelos	22.4
Referências interactivas	37.5
Ref. da mãe ao pp. estado	2.7
Ref. ao passado anterior	1.5
Ref. ao futuro	1.7
Competência materna	1.1
Desconhecido / Diversos	3.9

QUADRO 4
Estado global do bebé

	PERCENTAGEM DE FREQUÊNCIA
Fome	57.8
Vigilidade / Sonolência	15.6
Constipação / Tosse	10.0
Estado térmico	7.2
Cansaço / Dor	4.4
Manifestações digestivas	2.8
Cor de pele	2.2

que chora ou evidência desagrado (7,7%), cujo corpo se descobre (6,4%), que apresenta alguma actividade oral (2,7%) e que quase não fala e não ouve (1,0%), não se mexe (0,8%) e não vê (0,3%).

Explorou-se os *estados globais* que a mãe atribui ao recém-nascidos (Quadro 4).

Como vemos a mãe percepçiona, sobretudo, no seu filho recém-nascido, a necessidade de ser alimentado.

2.4. Apelos

O recém-nascido é objecto de numerosos e variados apelos.

As mães da amostra empregam raramente o nome do próprio filho, no seu primeiro encontro com ele. Mas se o recém-nascido não parece ainda dispôr de um nome, nem por isso deixa de ser objecto de apelos afectuosos, variados, que determinam, inequivocamente, o seu sexo.

Quanto aos apelos não nominais, que as mães da amostra estudada dirigem aos seus filhos recém-nascidos, eles exprimem, sobretudo, a sensação que elas têm da fragilidade e dependência do bebé («Meu pequinininho!»), os seus sentimentos calorosos relativamente a eles («Amorzinho querido!»), e a relação de filiação que os une («Filhotazinha minha!»). Com alguma frequência o recém-nascido é percebido como um ser não completamente humano («Bonequinha da mamã!»).

2.5. Atributos

Os atributos que as mães dirigiram aos seus filhos, no contacto precoce, têm também diversos valores simbólicos.

A maioria desses atributos corresponde à descoberta extasiada e contemplativa do bebé («Meu filho perfeito!») seguindo-se a verbalização de sentimentos afectuosos face a ele («Bebé quiducho!»).

2.6. Linguagem materna e sexo do recém-nascido

Foi encontrada apenas uma diferença significativa na categoria «actividade motora». As

mães da amostra estudada referem, com maior frequência, a actividade motora dos recém-nascidos masculinos.

3. DISCUSSÃO

O estudo dos resultados obtidos leva-nos a concluir que as mães da amostra estudada, durante o contacto precoce com o seu filho, recorrem pouco, na sua generalidade, à expressão verbal.

Uma vez que não utilizámos registos complementares (vídeo, por exemplo) não podemos interpretar este «silêncio» materno: será que as mães, nesta fase da sua relação com o bebé, recorrem, de forma preferencial, à exploração táctil do corpo do recém-nascido [como é apontado por Rubin (1965), Klaus e colaboradores (1975) e Whiten (1977)] ou será que as mães se sentem inseguras, com dificuldade em comunicar com os seus bebés, pequenos seres imaturos que não consideram, ainda, interlocutores válidos, como é referido por Josse e Robin (1981, 1983)?

Quando as mães se dirigem aos seus filhos, no contacto precoce, utilizam uma linguagem com características da «fala de bebé», constituída, sobretudo, por interjeições, exclamações, frases com duas a três palavras e palavras isoladas.

O discurso verbal materno, dirigido ao recém-nascido, gira em torno do presente, da relação vivida com ele. São questões sobre as necessidades da criança, tentativas para a apaziguar e para prender e manter a sua atenção.

Quando a mãe se refere ao passado e ao futuro (o que faz pouco) são situações próximas da vida que ela aborda: a gravidez, o parto, o pai que virá conhecer o bebé...

Por outro lado, as referências da mãe a si própria são diminutas. Ela dirige a sua atenção para a criança e para a interacção que se inicia, dados esses que explicitam a «preocupação maternal primária» descrita por Winnicott (1956).

Constatamos que a mãe está orientada, preponderantemente, para a interpretação dos estados do bebé como correspondendo a necessidades fisiológicas (fome, sono, etc.). Ela procura descobrir e adaptar-se ao ritmo biológico do recém-nascido, o que facilitará a conquista, pelo

bebé, da homeostase fisiológica referida por Greenspan (1981).

As mães tecem poucos comentários sobre o corpo do bebé. Na nossa amostra elas manifestaram um interesse particular pelas unhas do bebé, seguindo-se as mãos e os olhos. Já Klaus e colaboradores (1975) tinham referido a atenção especial dedicada pelas mães aos olhos dos recém-nascidos.

Com bastante frequência as mães dirigem apelos variados aos seus filhos. Extasiadas, parecem querer certificar-se do facto de terem colocado uma criança, a sua, no mundo.

Através da análise dos apelos e dos atributos que a mãe dirige ao bebé, ele surge-nos como um ser sexuado (mas ainda sem a identidade protagonizada pelo nome próprio), frágil e imaturo, por vezes não completamente humano, ligado à mãe por fortes laços afectivos e pela relação de filiação.

Os resultados que obtivemos, resultantes da comparação da linguagem dirigida pelas mães aos recém-nascidos masculinos com a dirigida aos do sexo feminino, não confirmam os referidos por Thoman e Leiderman (1971) e Hwang (1978). No decorrer do contacto precoce as mães da amostra estudada falaram tanto com os meninos como com as meninas.

Por outro lado, a análise de certas características da estrutura sintáctica, a análise de conteúdo, o estudo dos apelos e dos atributos não revelaram diferenças significativas entre os 2 grupos. Encontrámos apenas uma diferença significativa no que se refere à actividade motora dos recém-nascidos masculinos, a que as mães se reportam com mais frequência. Estes dados confirmam os obtidos por Smith e Lloyd (1978). Esses autores afirmam que as mães são mais receptivas à motricidade global dos bebés do sexo masculino, o que sugere um padrão de socialização precoce num contexto estereotipado de superioridade física masculina.

Ao ouvirmos os registos auditivos do contacto precoce apercebemo-nos que grande parte da linguagem que a mãe dirige ao seu filho recém-nascido surge como um monólogo interior, dito em voz alta, como uma forma da mãe expressar a alegria e a estranheza que a nova situação lhe provoca.

Por outro lado, ao tentar apaziguar o seu filho,

ao aliciar e prender a sua atenção, ao atribuir um sentido ao que se passa do lado do bebê, a mãe procura regular o estado e o comportamento do recém-nascido, tornar-se, ela mesma, um estímulo interessante para ele, identificar-se-lhe...

Após o corte do cordão umbilical a mãe, através da ligação emocional ao seu filho, cria um novo cordão também ele imprescindível para a sobrevivência do bebê.

BIBLIOGRAFIA

- Bellinger, D. (1980). Consistency in the pattern of change in mothers' speech: some discriminant analysis. *Journal Child Language*, 7, 469-487.
- Farwell, C.B. (1975). The language spoken to children. *Human Development*, 18, 288-309.
- Ferguson, C.A. (1964). Baby talk in six languages. *American Anthrop.*, 66, 103-114.
- Greenspan, S.I. (1981). *Psychopathology and adaptation in infancy and early childhood: principles of clinical diagnosis and preventive intervention*. New York: International Universities Press.
- Hwang, C.F. (1978). Mother-infant interaction: effects of sex of infant on feeding behaviour. *Early Human Development*, 2, 341-349.
- Josse, D., & Robin, M. (1981). «Qu'est-ce que tu dis a mama», ou le langage des parents adressé à l'enfant de la naissance à 10 mois. *Enfance*, 3, 101-132.
- Josse, D., & Robin, M. (1983). A propos du contenu du langage maternel. *Psychiatrie de l'enfant*, XXVI(1), 99-140.
- Kaye, K. (1980). Why we don't talk «baby talk» to babies. *Journal Child Language*, 7, 489-507.
- Klaus, M.H., Trause, M.A., & Kennel, J.H. (1975). Does human maternal behaviour after delivery show a characteristic pattern? Parent-infant interaction. *Ciba Foundation Symposium*, 33, Amsterdam. Oxford, New York: Associated Scientific Publishers.
- Papoušek, M., Papoušek, H., & Haekel, M. (1987). Didactic adjustments in fathers' and mothers' speech to their 3-month-old infants. *Journal of Psycholinguistic Research*, 16(5), 491-516.
- Parke, R.D., & Sawin, D.B. (1980). The family in the early infancy: social interaction and attitudinal analysis. In *The father-infant relationship: observational studies in the family setting*. New York: Praeger.
- Rubin, R. (1965). Maternal Touch. *Child and Family*, 4.
- Rubin, R., Provenzano, F.J., & Luria, Z. (1974). The eye of the beholder: parents' views on sex of newborns. *American Journal of Orthopsychiatry*, 43, 720-731.
- Smith, C., & Lloyd, B. (1978). Maternal behaviour and perceived sex of infant revisited. *Child Development*, 49, 1263-1265.
- Soler, M.S. (1975). De la communication gestuelle au langage verbal. In *La genèse de la parole*. Paris: PUF.
- Thoman, E.B., & Leiderman, P.H. (1971). Feeding behaviours of newborn infants as a function of parity of the mother. *Child Development*, 42, 1480-1483.
- Whiten, A. (1977). Assessing the effects of perinatal events on the success of the mother-infant relationship. In *Studies in mother-infant interaction*. London, New York, San Francisco: Academic Press.
- Winnicott, D.W. (1956). La preoccupation maternelle primaire. In *De la pédiatrie à la psychanalyse*. Paris: Payot, 1969.

RESUMO

Com o presente estudo, que se insere numa investigação mais lata sobre padrões de comunicação precoce mãe-criança, pretende-se descrever algumas das características da linguagem verbal que as mães dirigem aos seus filhos, durante o contacto-precoce e da forma como o bebê real é, nesse momento, percebido e investido pela mãe.

Para tal realizou-se o registo auditivo do contacto precoce de 30 pares de mães-bebês. Posteriormente analisou-se o discurso materno que foi classificado em diversas categorias relacionadas com aspectos da estrutura sintáctica e com análise de conteúdo.

Constatou-se que as mães recorrem pouco à expressão verbal, no primeiro contacto com os seus filhos. Quando o fazem utilizam uma linguagem que tem características da «fala de bebê» e é constituída, sobretudo, por interjeições, exclamações, frases com duas a três palavras e palavras isoladas. O discurso emitido centra-se em torno da realidade vivida no momento.

O bebê que a mãe descreve é um ser pequenino e frágil, que chora e tem fome, pouco individualizado e pouco «humano», a quem atribui essencialmente, necessidades fisiológicas.

ABSTRACT

In the present study, part of a broader research on mother-child early communication patterns, we describe some of the verbal language characteristics of mothers speaking to their children in early interactions, and we discuss the way in which the real baby is, at that stage, perceived and elaborated by the mother.

The early contacts of 30 pairs mother-child were recorded. The speech of these mothers was classified

in several categories according to syntax structure and also through content analysis.

In these initial contacts, mothers don't use much verbal language. When they do, they use «baby talk» expressions and emit mostly exclamations and interjections, two or three-word sentences and isolated

words. The speech is centered in the reality of the moment.

The baby described by the mother is a small and fragile being, who cries and feels hunger, not very individualized and not very «human», and in whom she recognizes, essentially, physiological needs.